

Dia Mundial do Turismo – Como comemorar o renascimento turístico mundial a partir de um território e da sua capacidade de mobilização em Conhecimento e Desenvolvimento?

Na atual circunstância de pandemia e da doença Covid – 19 e considerando a experiência que tem decorrido desde março deste ano, mais se afigura necessário que a triangulação estabelecida entre as Pessoas, os Territórios e as Organizações suscite inovadoras abordagens e consequentes realizações. O Projeto CRENT - Correntes Resilientes Educativas No Turismo, desenhado e desenvolvido internamente através do Laboratório de Turismo do Instituto Politécnico de Tomar (I-tour.ipt) e suas parcerias quer nacionais, quer internacionais, tem tentado contribuir para esse lastro de produção científica e de intervenção no seu território de influência.

No IPT a existência da Cátedra UNESCO de Humanidades e Gestão Integrada do Território, marca um espaço de investigação aplicada que, colaborando com o CRENT, transmite-lhe energia no sentido da gestão integrada que pratica. A Organização Mundial do Turismo determinou que este ano fosse dedicado à relação entre o Turismo e o Desenvolvimento Rural e, neste particular eixo de ação, o encontro Rural-Neo-rural implica integrar diversas variáveis na gestão territorial.



Dia Mundial do Turismo – Turismo e Desenvolvimento Rural. Fonte: <https://www.unwto.org/world-tourism-day-2020> , acedido em 21.9.2020

O Dia Mundial do Turismo é celebrado anualmente a 27 de setembro, sob programação da Organização Mundial do Turismo , agência especializada em Turismo integrada na estrutura da ONU - Organização das Nações Unidas . A orientação da Declaração Universal dos Direitos do Homem , promovendo o respeito das autoridades e envolvendo as sociedades de todo o mundo no que significa o acesso do indivíduo ao descanso e lazer, reforça os argumentos que sustentam esta conquista da Humanidade. A data das comemorações coincide com a formalização mundial dos Estatutos da OMT - Organização Mundial do Turismo, ocorrida a 27 de setembro de 1970. Em Portugal a sua ratificação foi formalizada a 8 de julho de 1976, conforme extrato do Decreto abaixo reproduzido:

Decreto n.º 579/76 Estatutos da Organização Mundial de Turismo

Usando da faculdade conferida pelo artigo 3.º, n.º 1, alínea 3), da Lei Constitucional n.º 6/75, de 26 de Março, o Governo decreta o seguinte: Artigo único. São aprovados para

ratificação os Estatutos da Organização Mundial de Turismo, concluídos na Assembleia Geral Extraordinária da União dos Organismos Oficiais de Turismo, realizada na Cidade do México em 27 de Setembro de 1970, cujos textos em francês e respectiva tradução para português vão anexos ao presente decreto.

Vasco Fernando Leote de Almeida e Costa - Joaquim Jorge de Pinho Campinos - Ernesto Augusto de Melo Antunes.

Assinado em 8 de Julho de 1976. Publique-se. O Presidente da República, FRANCISCO DA COSTA GOMES.

ESTATUTOS DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (OMT)

Constituição - ARTIGO 1.º

A Organização Mundial de Turismo, a seguir denominada «a Organização», é criada como organização internacional de carácter intergovernamental resultante da transformação da União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo (UIOOT).

Sede - ARTIGO 2.º A sede da Organização é fixada e pode ser transferida em qualquer momento por decisão da Assembleia Geral.

Objectivos - ARTIGO 3.º 1. O objectivo principal da Organização é o de promover e desenvolver o turismo com vista a contribuir para a expansão económica, a compreensão internacional, a paz, a prosperidade, bem como para o respeito universal e a observância dos direitos e liberdades humanas fundamentais, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião. A Organização tomará todas as medidas necessárias para atingir este objectivo.

Neste momento crítico para todo o planeta os países que tinham na atividade turística a sustentação de base das suas economias e, com elas, os fenómenos sociais e culturais que se integravam em ciclos contínuos de melhoria das suas promoções e, nessa premissa, arrecadações de receita, estão em sérias dificuldades de sobrevivência turística, nomeadamente, no âmbito dos fluxos de procura externa pela oferta nacional. Que caminhos a encetar para superar esta dificuldade global por cada especificidade territorial com os seus instrumentos económicos e seus recursos humanos, naturais e culturais?

É significativa, e oportuna, a atenção que a OMT dedica este ano ao desenvolvimento rural. Em diferentes países, incluindo Portugal, a quebra global dos fluxos turísticos só não foi desastrosa nos espaços de menor densidade urbana, nos quais, aliás, por vezes se verificou um afluxo superior à média dos últimos anos. Esta reorientação dos fluxos, que não compensa em termos quantitativos as perdas registadas enuncia, por um lado, uma oportunidade para estes territórios e consolida, por outro, o que têm sido, até agora, opções turísticas periféricas.

Uma dúvida que se instala, de forma crescente, é a de saber até que ponto a reorientação pragmática dos destinos, condicionada hoje pela Covid-19, não se irá prolongar na próxima década, em função da previsível quebra de rendimentos das classes médias e de uma alteração comportamental global, menos consumista, menos massificada e mais crítica.

A ruralidade, como primeiro pilar da economia, porque agricultura e pecuária são primárias atividades com expressão milenar e modernização contínua, para responder às necessidades de alimentação mundial tem, nesta circunstância de crise dos destinos turísticos tradicionais, mais uma oportunidade para crescer em notoriedade e em espaço de afirmação de um modelo cultural e de gestão territorial. Como se poderão aproveitar as oportunidades fazendo transitar

os obstáculos para a fileira da sua resolução vantajosa a favor das comunidades rurais? Que redes de sustentabilidade concreta a mobilizar?

Numa discussão, que se amplia desde finais do século passado, em favor de um novo modelo de urbanismo, polinucleado e de menor densidade, qual poderá ser o papel do turismo, enquanto catalisador de investimentos em infraestruturas de comodidade, para turistas e residentes, ou seja, para cidadãos? Em recente comunicação o Secretário-Geral da ONU, António Guterres chamava a atenção dos Governos e demais Entidades relacionadas com o subsector do Turismo, no contexto do setor da Economia mundial com a expressão :

It is imperative that we rebuild the tourism sector ensure tourism regains its position as a provider of decent jobs, stable incomes and the protection of our cultural and natural heritage.

Apesar de a separação das agências das Nações Unidas não facilitar a construção de estratégias integradas (sendo particularmente infeliz a desarticulação entre os discursos da OMT, da OMC e da UNESCO, face à pandemia e suas consequências, que não podem ser geridas de forma desagregada), a visão da ONU e do seu secretário-geral é correta e inspiradora.

Nesta dimensão de liderança facilmente se apreenderá, por um lado, a necessidade de reconstruir um domínio de atividade económica que se encontra ferido, necessitando de ser reconstruído ao nível das suas Organizações mas, igualmente e por outro lado não menos relevante, encontrar formas de proporcionar empregabilidade mais digna às Pessoas e, portanto, salários proporcionais à arrecadação de lucros da atividade, bem como, paralelamente, prestar cuidados preventivos para com os Territórios e suas riquezas patrimoniais em natureza e em cultura. Como compatibilizar as perdas da economia analógica na transição para a economia digital, sem perder a matriz rural de cada território e a sua originalidade de “lugar distintivo”?

Ao mesmo tempo, é importante não esquecer que a economia é a gestão da relação entre as expectativas e necessidades de uns e os recursos disponíveis, sendo os produtos sujeitos a um permanente ajustamento dessa relação, particularmente nos momentos de mudança, com o atual. Há inúmeras incógnitas sobre se os destinos massificados voltarão, pelo menos num horizonte temporal próximo, a merecer aflusos como os da última década, Mas restarão poucas dúvidas que, num plano de opções culturais (expectativas, vontades, valores) o foco na ruralidade, mesmo se por vezes alimentado por ingénuos mitos urbanos, se irá reforçar.

Esse reforço significa, para além da dimensão financeira e laboral, uma maior exposição e abertura desses territórios à interação com outras comunidades, uma maior interdependência, uma menor homogeneidade, uma maior criatividade e, certamente, um novo tipo de cosmopolitismo. Para além dos perigos que sempre existem em processos de mudança, cabe aqui salientar a enorme oportunidade de construir esse cosmopolitismo de forma mais equilibrada, coesa e fraterna, gerando dessa forma uma economia mais sustentável.

Se todos os destinos turísticos apresentam aos viajantes a sua marca distintiva e, portanto, promovem-se numa base em que o «*genius loci*», ou seja, o espírito de lugar, tem expressão especial (porque pretensamente única) na ruralidade essa expressão é ainda muito mais profunda. As «raízes» tanto em termos concretos e objetivos associados aos cuidados da Terra, como utilizadas metaforicamente significam a solidez, a estaca, a ancoragem dos lugares às suas tradições e, também, às suas ambições. Criatividade e novos ritmos produtivos e sociais farão parte, certamente, do renascimento necessário.

A empregabilidade no Turismo é constatável na sua dimensão humana porque os recursos humanos que exige para os diversos segmentos de Turismo, de Turismo Cultural e de Turismo em Espaço Rural e respetivas subcategorias de acordo com as realidades geológicas, geográficas, económicas, políticas e sociais de cada realidade administrativa (país; região; sub-região; autarquia) são razão de ser e pontos críticos de sucesso. Os profissionais incutem, nos enquadramentos legislativos e normativos a que são sujeitos na sua ação, possibilidades e limites nos processos de Turistificação territorial em que participam.

Em conformidade com esta realidade, como dar espaço de afirmação às comunidades locais fora da esfera das asfixias político-partidárias dos aparelhos regionais e locais umbilicalmente ligados à liderança central? Em todo o mundo, os empregos sustentam as comunidades, nomeadamente urbanas, periurbanas e rurais: a relação da ruralidade com o turismo pode ser e deve ser uma forma de crescimento económico com verdadeiro desenvolvimento social. Em toda a cadeia de capital humano, homens e mulheres encontram, quando mais jovens e no decurso das suas vidas, oportunidades para aplicarem as suas competências e, ao mesmo tempo, a dignificação social pelo trabalho.

Se nem sempre estes objetivos otimistas são passíveis de registo, fica claro que o papel da OMT-UNWTO é muito sensível nesta dimensão e, por isso, o Código de Ética do Turismo é uma referência que não pode ser ignorada neste urgente e necessário renascimento turístico de que necessitamos. Que conquistas de estatuto poderá cada território rural alcançar num tempo em que a mistura rural-urbano se acentua, evitando-se a fácil delimitação de «ilhas rurais e/ou paraísos rurais», que tecnocraticamente já existe e necessita de olhares discordantes desse modelo aparentemente único? Que reflexões nos merece esta problemática?

O cenário preditivo mundial não é de modo a baixarmos os braços mesmo sabendo-se que a tendência de concentração demográfica nas cidades atingirá em 2050 cerca de 68% de população mundial e os restantes, fora dessas centralidades urbanas e periurbanas, viverão nas áreas a elas externas, nomeadamente rurais e longínquas desses centros, ainda maiores dificuldades que a sua condição periférica acentuará. O êxodo dos jovens que está na base de muitas perdas demográficas e despovoamento compreende-se quando, por exemplo, o acesso a telecomunicações rápidas e com bom desempenho escasseiam nos territórios mais abandonados e cuja economia é a da sobrevivência quotidiana.

Que processos de Turistificação responsável se poderão implementar face aos constrangimentos dos territórios periféricos à centralidade estatal? Poderá o Turismo ser a interface para atrair recursos renovados para esses territórios, que favoreçam a coesão, como por exemplo o direito universal ao acesso a internet de banda larga? Para o ser, talvez seja tempo de balanço. Assim, numa data comemorativa será importante pensar-se, no domínio do ensino superior e, especificamente, no ensino superior politécnico, que tipos de abordagem se configuram como mais adequados a cada território em concreto.

A «*espessura histórica*» permite, quando bem analisada, obterem-se indicadores e dados tanto de natureza patrimonial como de natureza inventiva que marcaram a linha do tempo e da fixação dos seus habitantes: valorizar essas formas de ocupação inteligente e tradicional do território desafia as necessárias inovações dependentes dos modelos inteligentes do nosso tempo, de que as “*smart cities*”, cidades inteligentes, são montra tecnológica e comportamental (as tecnologias e os novos modos de produzir e consumir bens e serviços).

Suportar os impactes da crise sanitária significou e significa, bem como significará, que o modelo resiliente forjado na adaptabilidade do ser humano, mesmo tendo sido testado ao limite, em muitos territórios, mostrou-se capaz de reerguê-los sob novas visões, tendo em consideração os resíduos e aprendizagens que ficam testemunhando essa viragem obrigatória. Como poderemos aproveitar, no Turismo, as lições que a emergência sanitária nos permite resgatar da imensa teia de leituras e propostas de ação que inevitavelmente estamos tratando em todos os setores da sociedade? Uma partilha global de problemas, de reflexões e de ações é possível.

Assim, na perspectiva da OMT-UNWTO, o World Tourism Day 2020, ao centrar-se na ruralidade e seu desenvolvimento, assume a necessidade de equilibrar a procura sobre cidades e centralidades com a da descoberta de novos ou renovados lugares. Cidades médias e aldeias, campos e miradouros, construindo uma atmosfera rural dependente da Natureza e da Cultura de cada lugar, capacitam-no turisticamente se, a uma Turistificação responsável e sustentável, corresponder uma roteirização que através de Circuitos local, de suas ligações em Itinerários regionais e, em abrangência geográfica em superfície, valorizando sub-regiões e regiões que se expandam, conseqüentemente, em Rotas nacionais e/ou internacionais.

Nesta dimensão de renascimento turístico, o papel do profissional de turismo, seja qual for o segmento em que atue ou a qualificação profissional de especialidade, pode tornar-se um instrumento fundamental que, nesta era de digitalização plena e de aplicação de inteligência artificial, encurta, cada vez mais, os espaços e os tempos e, ao mesmo tempo, amplia as possibilidades de realizar economia local com expressão global: cada ponto do planeta passa a contar quando a tecnologia e o conhecimento o colocam na grande arena da experimentação científica que é o universo web. Que condições objetivas são requeridas para que reste renascimento passe de intenção discursiva a realidade económico-social?

O Turismo, porque é uma atividade criada pelo ser humano para seu deleite e fruição do tempo de descanso, tem, do lado da sua produção, características muito específicas: é multidisciplinar porque requer contributos das ciências sociais e das ciências exatas; assenta e desenvolve-se através de tecnologias, desde o estudo de materiais e engenharias, até à comunicação o sustentam em soluções (dados, estatística, planeamento, etc.); é pluridisciplinar porque para um mesmo problema conjuga segundo objetivos precisos campos disciplinares que, por si, também se desenvolvem ao mesmo tempo que o servem (economia do turismo, turismo patrimonial, turismo científico, etc.); é multidisciplinar porque as variáveis e combinatórias de campos de conhecimento se podem organizar em função do produto turístico, compósito, materializado em bens e em serviços disponíveis para consumo comercial (turismo arqueológico e investigação, astronomia e turismo escolar, etc.. Como poderemos incentivar novas redes colaborativas neste novo cenário?

Na esteira do trabalho entretanto desenvolvido no Projeto CRENT - Correntes Resilientes Educativas No Turismo, resultando numa publicação deixámos clarificada a questão que em cada ano comemorativo a OMT-UNWTO nos apresenta: o apelo a um esforço de criação colaborativa de novo conhecimento. Por isso, naquele livro digital, referimos o seguinte :

Na heterogeneidade assumida pela edição está carregada, também, alguma da experiência que o Laboratório de Turismo do IPT foi acumulando. Desta forma, aumentar a cultura turística dos territórios e partilhar visões sobre problemas e propostas de solução, segundo o objetivo de qualificação dos recursos humanos, parece ter sido alcançada. Esta obra passa a ser testemunho disso mesmo. O agradecimento a todas e

a todos quantos colaboraram neste desafio, aceitando o convite formulado é feito com grande sentido de rede de cumplicidades profissionais e, por isso, um sinal deveras relevante.

Numa dimensão CRENT, a ruralidade exhibe a sua especificidade: o fator «tempo» adquire nuances diferenciadas do que significa noutros territórios mais urbanizados (porque o uso que as pessoas fazem do seu tempo é também um indicador de identidade cultural de uma comunidade). Assim, a um ritmo turístico frenético do turismo de massas, o turismo espiritual, por exemplo, como subsegmento do segmento turismo cultural tem, certamente, uma ligação umbilical com a ruralidade perdida (contempla os que, nascidos em ruralidade, a tiveram que abandonar) e liga-se com a ruralidade reencontrada (dos que retornam esporadicamente ou para sempre ao ponto da sua origem de vida) e oferece, ainda, descoberta aos iniciados (dos que, sendo urbanos e periurbanos, descobrem o mundo rural sensitivamente e «in situ»).

Os progressos que determinados territórios rurais foram acumulando com as visitas de turismo doméstico, mercê das interferências da Covid – 19 nas nossas vidas, resultaram de um novo sentido de descoberta dos lugares mais afastados, das tradicionais periferias que, de repente, de certo modo, se tornaram novas centralidades. Mesmo que alguns destes destinos turísticos emergentes, passada esta tendência, sejam condenados à efemeridade se, porventura, a vacinação atenuar os medos das pessoas que ainda sentem desconforto perante a possibilidade de concentrações de risco sanitário e procuram alternativas às grandes cidades, a experiência sedimenta-se. Como somos animais de hábitos, passada a provaçãovoltaremos certamente a hábitos urbanos entretanto interrompidos, mas transformando subtilmente esses hábitos. É nessa subtilidade que se pode inscrever uma estratégia turística sustentável.



Livro digital editado em maio de 2020. Fonte: <http://www.cda.ipt.pt/download/ebooks/CRENT-ebook-17.6.2020-turismo-crise-global-.pdf> , acedido em 21.9.2020

Aumentar a cultura turística nos territórios é, portanto, e segundo a experiência MovTour, uma forma de contributo do ensino superior politécnico para com o domínio do Turismo e uma função quotidiana que as comemorações sustentam como pontos de reflexão sobre o que se planeou e executou e, bem assim, sobre as transformações que, com conhecimento, se foram processando, medindo, melhorando, potenciando. Neste sentido a aplicação MovTour, estando disponível e representando uma forma de afirmação da tecnologia informática do IPT, muito contribuiu para que os recursos humanos se empoderassem através de um desafio: turismo e cultura para e com todos.

Outros desafios a OMT-UNWTO tem lançado, a todos quantos operam nesta área: consolidação do conhecimento em Turismo com recurso à constituição de redes de ensino e educação, de formação profissional e de experimentação de soluções e, igualmente de partilha entre as administrações públicas e as empresas e movimentos associativos, nomeadamente da Economia e, mormente da Economia Social que tem, no Turismo, um excelente campo de afirmação para o objetivo da inclusão social.

À pergunta de partida com que pensámos participar no Dia Mundial do Turismo deste ano, “Como comemorar o renascimento turístico mundial a partir de um território e da sua capacidade de mobilização em Conhecimento e Desenvolvimento?” tentámos responder com, todavia, mais perguntas que respostas. Vivemos um período em que a Incerteza, típica circunstância de toda e qualquer intervenção humana, nos cria mais dificuldades porque o inusitado problema pandémico assim o determinou.

Tomar, 27 de setembro de 2020

Luís Mota Figueira e Luiz Oosterbeek